

O erro e o diálogo: levantamento de questões em aquisição da linguagem

Glória Carvalho e Telma Avelar*

A tentativa de explicar a mudança da criança de uma condição de não falante, para uma condição de falante de sua língua, constitui a própria razão de existir do campo da Aquisição da Linguagem. Como consequência, cabe ao investigador assumir um compromisso com a diferença, isto é, com a heterogeneidade ou a singularidade representada pelo (ainda) não falante, no seu percurso lingüístico. Nesse sentido, os erros produzidos pela criança, num momento inicial, tornam essa diferença especialmente visível, sobretudo quando se trata de erros imprevisíveis, ou seja, aquelas produções insólitas as quais parecem não responder, claramente a um padrão da língua, nas palavras de Bowerman (apud De Lemos, 1994), e não se curvam à demanda de regularidade do conhecimento. No tocante a tais produções, foi De Lemos (1994), quem trouxe para este campo a noção de *efeito de enigma* ou de *estranhamento* provocado pela fala da criança sobre o adulto. É o caso, por exemplo, de uma produção *errada* registrada por Bellugi (apud De Lemos, 1994): "what d'you think I am a no boy with no watch?".

Em virtude do caráter insólito desse tipo de produção de Adam ("I am a no boy with no watch"), Bellugi não conseguiu apoiá-la numa regra, ou melhor, não conseguiu atribuir-lhe um sentido único, predeterminado, restando a *perplexidade* do investigador diante do singular que lhe oferecia resistência. Trata-se, pois, de uma produção na qual pode ser visualizado aquilo que Milner (1991), em *Lingüística*, chama de *equivoco*, isto é, a possibilidade de uma locução verbal ser, ao mesmo tempo, ela mesma e uma outra. Por sua vez, "no boy" e "no watch", segundo De Lemos

* UFPE – Universidade Federal de Pernambuco.

(2000), mostram como estruturas manifestas podem revelar estruturas latentes – como, por exemplo, “nobody”, “nothing”, “none”, “no one” – com as quais elas mantêm relações. Assim, essas relações entre significantes trazem à tona o movimento ou o funcionamento da língua, como vai ser tratado mais adiante. Com base no que foi colocado, pode-se dizer que a produção estranha dá visibilidade à fala da criança em seu caráter singular, o qual, por sua vez, diria respeito a significantes cuja produção ou combinação seria imprevisível, não podendo, por isso mesmo, se curvar a uma regra ou operação cognitiva.

Pergunta-se, entretanto: como se poderia tratar o singular/imprevisível sem ser tomado/arrastado por um movimento no sentido de uma previsibilidade? Podemos explicitar, nessa questão, seu aspecto especificamente metodológico: Como abordar empiricamente o equívoco/imprevisível? Uma abordagem empírica na Ciência, estaria demandando do investigador a representação de metas e de um percurso a seguir, percurso este que estaria, portanto, caracterizado por uma certa previsibilidade. Nesse quadro, destaca-se, portanto, uma questão metodológica básica – colocada pelo singular e já delineada por Heráclito (apud Schüler, 2000) no campo da filosofia da antiguidade grega: Como buscar o que não se espera?

Milner (1991), na atualidade, coloca essa questão do método em termos de um impasse que abrange o campo da Ciência, de um modo geral, e que denominaremos o *impasse do método*. Podemos formular este impasse, em Aquisição da Linguagem, nos seguintes termos: para investigar seu objeto – o singular da fala da criança – o investigador precisa de algum tipo de representação-meta a qual implica uma certa previsibilidade. Pergunta-se, então: De que modo é possível cercar o singular se é ele que, pelo seu caráter equívoco/imprevisível, coloca em questão a previsibilidade e, portanto, a representação?

Primeiramente, convém notar que o singular da fala da criança implica um desafio fundamental para o investigador, no que concerne à análise dos dados:¹ Para tratar as produções do sujeito enquanto significantes, que se combinam de forma imprevisível e equívoca, seria necessário deslocar a análise para um nível onde se deve procurar suspender a atribuição à criança de uma intencionalidade representada por um sentido único. Seria preciso aceitar o

¹ Esse desafio foi assumido pelo grupo de pesquisadores coordenados por C. de Lemos.

desafio de se deixar abalar em sua concepção de que a criança exerce um controle sobre a língua, respaldado por uma regra ou uma operação cognitiva. Por sua vez, a necessidade de não atribuir à produção singular da criança um sentido único, predeterminado, colocaria, como contrapartida para o investigador, um desafio maior: o de procurar suspender, em si mesmo, uma intencionalidade baseada em um sentido único, predeterminado. Se uma tal suspensão não fosse pelo menos tentada, estaria se atendendo, mesmo sem o saber, a um movimento no sentido de atribuir uma previsibilidade ao singular, o qual estaria sendo, por isso mesmo, apagado.

Ao discutir a questão da técnica de observação no campo psicanalítico, Freud (1948) fala sobre o que ele denomina de *atenção flutuante*. Trata-se de um esforço no sentido de evitar que a atenção seja fixada, intencionalmente, num elemento determinado, eliminando-se outros elementos e, em consequência, deixando-se guiar, nesta seleção, pelas próprias esperanças e pelas próprias tendências. Ao realizar esta seleção, continua aquele autor, se alguém segue suas próprias tendências estará, seguramente, falseando a possível percepção; e, se alguém se deixa levar pelas próprias esperanças, corre o risco de não descobrir jamais senão aquilo que já sabe. Coloca, ainda, a necessidade de, na escuta, suspender o *mais possível* as representações-meta, apontando, assim, para o fato de que a suspensão total seria uma condição ideal e, como tal, não ocorreria na prática. Por sua vez, Freud aponta para a necessidade de realização de sínteses momentâneas, deslocando, pois, as representações-meta para uma posição provisória. Assim, é com esse estatuto de provisória que queremos destacar o papel da síntese, no chamado *impasse do método* que referimos acima. As sínteses e representações seriam importantes e até mesmo necessárias, embora para que sejam desfeitas, podendo-se abordar, nesse ponto em que são desfeitas, o inesperado da fala da criança. Explicando melhor, seria no ponto mesmo em que o singular desfaz uma representação-meta realizada pelo investigador que se poderiam buscar algumas indicações metodológicas para cercar esse singular.

Nessa direção, pretendemos exemplificar uma maneira como o investigador se confronta com o referido impasse, ao eleger, como unidade de análise, o enigma da fala da criança. Tal exemplificação, por sua vez, será feita através de algumas questões que insistiram num determinado ponto da execução de um Projeto de Pesquisa que teve lugar na UFPE. O principal objetivo desse Proje-

to consistiu em abordar o movimento pelo qual cadeias verbais (emitidas tanto pelo adulto, como pela criança, em diferentes momentos) se aproximam e se cruzam, na fala da criança, produzindo combinações imprevisíveis de significantes, segundo a proposta de De Lemos (2000). Procurou-se, então, chegar a uma análise rigorosa – e, na medida do possível, exaustiva – de relações entre produções estranhas e outras cadeias, primeiramente, numa díade mãe/criança, tendo sido esses dados extraídos de um amplo *corpus* que constitui o Banco de Dados do Projeto de Aquisição da Linguagem do IEL/UNICAMP.

O passo inicial, na realização da Pesquisa em foco, implicou uma leitura repetida e exaustiva dos registros longitudinais, com o objetivo de uma primeira familiarização com os dados, onde se tentou uma leitura com *atenção flutuante*, caracterizada por um constante movimento *proativo* e *retroativo*, no conjunto dos dados. Em seguida, foram selecionadas aquelas produções que causaram um efeito de estranhamento nos investigadores, pelo seu caráter de não previsibilidade pela gramática. O movimento de *proação* e de *retroação* foi uma constante em todos os momentos do contato com o dado, destacando tanto as relações dos significantes no interior de um enunciado da criança, como considerando as relações entre este e o enunciado da mãe, privilegiando, portanto, o diálogo, o que nos colocou a seguinte questão: *Como demarcar os diálogos, ou seus fragmentos, numa sessão de gravação, a fim de prosseguir a sua análise?*

O critério escolhido para a demarcação da unidade de análise (agora situação de diálogo), na investigação em foco, foi o *tema*, o qual segundo Minayo (1994), estaria ligado a uma afirmação sobre determinado assunto, comportando um feixe de relações e podendo ser formalmente/graficamente representado através de uma palavra, uma frase, um conjunto de frases. Por exemplo, em três produções estranhas de uma criança (M.): "Deceu vede", "nu quelhu/ vede" e "eu achuvia agu", o tema seria, respectivamente, a nomeação de cores, a nomeação de animais e uma conversa sobre o tempo frio (chuva), o que orientou a delimitação de três agrupamentos (em torno dos temas), de cada um dos quais extrairemos dois exemplos (C = criança, M = mãe):

Agrupamento A

- | | |
|---|--|
| (1) (C – 2.0.8 – Pronta para ir ao aniversário de um amiguinho) | (2) (C – 2.9.28 e M conversando sobre a cor de um urso de brinquedo) |
| M – Da onde é essa chave? | C – Qui cor? |
| C – fom fom | M – Amarelo |
| M – Do carro? Bonito esse chaveiro da C. verde. | C – Amarelu |
| C – <i>deceu vedi/ essi num é/ essi/ maon</i> | M – Num é amrelo |
| M – Esse é marrom? | C – Vedi |
| C – É | M – Num é verde |
| M – Não, é verde. Abre a boca prá tomar remédio. | C – Ve/ma/bancu |

Agrupamento B

- | | |
|---|---|
| (3) (C – 2.6.13 e M. estão vendo revista) | (4) (C – 2.6.13) |
| M – Viche! Vai melecar todo ele, né? | M – Tá a espuma prá fora, né? Tá caindo uma frutinha na boca do esquilho. |
| C – Num vai não | C – U <i>quelhu</i> vai acodá u <i>cuelhu</i> grande nele. |
| M – Não vai? Vai fazer uma meleca | M – Isso não é coelho! Esse aqui é um rato. |
| C – o/ qui é <i>vechel nu quelhul vedi/ quierre</i> | C – Cê gosta dele |
| M – É um cachorro | |

Agrupamento C

- | | |
|--|-------------------------------------|
| (5) (C – 2;0.15 – Depois do almoço, M. acorda C.) | (6) (C – 2.5.23) |
| M – Tá se vendo que você ficou descalça antes de dormir. | M – A água tá guardada nas nuvens |
| C – <i>eu achuvia agu</i> | C – <i>Tá sovendo</i> ele num abiu |
| M – Vai chover logo? | M – Num abiu porque num tá chovendo |
| C – É | C – Cumasú |
| M – Ahn | |

Salienta-se que o critério do tema centrou-se em torno de um sentido o qual foi atribuído pela mãe às produções da criança. Assim, nesse momento, as cadeias em cada agrupamento estariam, supostamente, ligadas por uma relação de sentido. Em seguida, realizou-se em cada fragmento que contém o *erro* (denominado fragmento/referência), um acompanhamento *retroativo* e *proativo*. Nesse momento, foi destacado o critério de semelhança formal,

por se verificar que a produção de muitos erros (produções estranhas) foi influenciada por uma relação de semelhança com outros enunciados ou palavras produzidos pelo adulto (mãe). Tal acompanhamento ocorreu, primeiramente, sobre os conjuntos de unidades agrupadas em torno de um mesmo tema. Entretanto, teve lugar, em seguida, um retorno aos próprios registros onde foi retomado o movimento de dupla direção (para adiante e para trás) sobre os dados, com relação a cada fragmento/referência selecionado.

Posteriormente, reagrupou-se os fragmentos, anteriormente selecionados e no caso, por exemplo, da produção estranha ("Deceu vede"), do fragmento 1 (Agrupamento A), foi tentado um novo agrupamento (X), o qual consistiu numa tentativa de reagrupamento. Nesta tentativa, por exemplo, o agrupamento X englobaria grande parte dos fragmentos dos três agrupamentos (A, B e C), além de outros não incluídos em qualquer agrupamento, ou que haviam sido incluídos em agrupamentos diferentes daqueles três exemplificados, como é o caso dos exemplos abaixo:

- | | |
|---|---|
| (7) (C - 2.5.23 e M. estão brincando) | (8) (C - 2.5.9) |
| M - Onde é que você arrumou esse primo aí? | M - Ah! Ela fica no seu colo? Ela gosta de ficar no seu colo? |
| C - Na loja miricana | |
| M - Lá na loja Americana? | C - Gosta, ela num qué cá/ela fica |
| C - Canti zé canti / vedi eu du/ queru agu/ mamãe,vamos? num quilila (-) quilila vede | M - Vamos guardar esse negócio da |
| | C - Dêxa vê aqui, dexu vê u meu rosto |
- (9) (C - 1. 11. 05)
- M - Nós vamos no Ibirapuera? Achei que a gente fosse para o zoológico. O Ibirapuera é mais perto, né? Só queria comprar um pirulito, cê compra?
- C - Compu. Intão vô no bilapuela/quí é muito puquinhu
- M - Mas só que *eu acho que vai chover* e nós num podemos descer do carro. Então você sai e vai comprar o pirulito prá nós todos. O seu dinheiro dá?

Vale destacar que a unidade de análise, mais uma vez, foi ampliada e de certa forma se modificou. A seleção dos agrupamentos, nesse momento, não teria mais como critério preponderante um tema homogêneo, baseado num sentido atribuído pela mãe, mas uma semelhança de forma, tendo sido observado que tal critério de semelhança acarretou uma variação muito grande entre os

temas que delimitam cada fragmento de diálogo, numa determinada tentativa de agrupamento. Pode-se dizer que a semelhança quanto à forma desfez completamente os agrupamentos anteriores, ou mais ainda, desfez a possibilidade de reconstituir (ou de constituir novos) agrupamentos.

Por sua vez, a análise das relações entre os significantes na produção da criança: "Deceu vede" do fragmento 1 permitiu assumir segundo De Lemos (2000) que se trata de uma "cadeia manifesta", apontando para cadeias latentes que permanecem sob aquela. Tais cadeias seriam, por exemplo, "deixe eu ver", "quero ver", "este é verde", "quero verde", "coelho verde", "vai chover", etc. produzidas, muitas vezes, tanto pela mãe como pela criança em momentos diferentes da gravação, como se pode ter uma idéia na tentativa de um novo agrupamento. Nesse sentido, as sínteses realizadas pelo investigador foram desfeitas na medida em que ele suspendeu, na criança, uma intencionalidade representada por um sentido único. Com base na concepção de De Lemos (2000), pode-se dizer que a criança estava submetida a um movimento ou a um funcionamento da língua, no qual as cadeias mencionadas teriam se aproximado, cruzando-se e se substituindo em alguns pontos de forma imprevisível e equívoca. Em última análise, as sínteses foram desfeitas deixando ver a singularidade do infante, na medida em que, ao suspender a intencionalidade em C., o investigador concebeu a criança como um sujeito no qual falta um controle sobre a língua.

Pergunta-se, entretanto: Que sujeito/investigador seria este que poderia abordar, metodologicamente um sujeito/criança que não possuiria o atributo de controle sobre a língua? Poderia o infante ser estudado em sua singularidade por um investigador que se concebe como um sujeito em que não falta um controle sobre a língua?

Focalizando as cadeias exemplificadas acima, sugerimos que, numa primeira leitura com *atenção flutuante*, essas cadeias não se relacionavam, na memória do investigador. Em seguida, algumas cadeias se relacionaram por semelhança e diferença de sentido, a partir sobretudo da interpretação da mãe. Posteriormente, estas relações foram desfeitas por outras que ocorreram ao nível do significante, ligando, assim, cadeias que estavam em grupos separados, ou sequer estavam em algum grupo e que, inclusive, pareciam esquecidas. Nesse sentido, o "deceu vede" teria convocado, na memória do investigador, cadeias como, por exemplo, "quelhu vede" e "dexu vê". Ao que parece, a combinação *quelhu vede* teria convocado, dentre outras, "num quilila vede", enquanto que *deixo*

vê ou eu achuvia agu teriam convocado o enunciado produzido pela mãe "eu acho que vai chover". Este, por sua vez, teria retroagido para a combinação "eu achuvia agu", atribuindo-lhe o estatuto de um bloco que se fragmentou em significantes os quais se recombina-ram de forma imprevisível, colocando em questão a semelhança de sentido entre tal produção da criança e a interpretação da mãe: "Vai chover logo". Igualmente, o "quilia vede" colocou, retroati- vamente, em questão a interpretação da mãe ao fragmento "nu quelhu vedi", em torno do tema de animal ("Isso não é coelho") e todas essas cadeias colocaram em questão o sentido de cor que a mãe atribuiu à produção "deceu vede". Sugere-se, então, que foi o submetimento do investigador ao movimento da língua que per- mitiu abordar o submetimento da criança a esse movimento, per- mitindo abordar a singularidade da fala da criança, no ponto de impasse, onde um tal submetimento desfaz as sínteses realizadas. Pode-se dizer que as várias cadeias se aproximaram, cruzaram-se e se substituíram, na memória do investigador, desfazendo as rela- ções de sentido entre as produções estranhas e outras cadeias pro- duzidas tanto pela mãe como pela criança. Relações estas que fo- ram refeitas no nível do significante, ou seja, enquanto combina- ções de significantes. É nesse sentido que se pode sugerir que teria sido possível abordar o singular da criança, em sua falta de contro- le, somente através de uma falta de controle do próprio investiga- dor.

Referências bibliográficas

- DE LEMOS, C. T. G. *Error as an empirical challenge to cognitivist approaches to language use: the case of language acquisition*. Trabalho apresentado no 7th International Pragmatics Conference. Budapeste, Hungria, julho 2000.
- DE LEMOS, M. T. G. *A Língua que me falta: uma Análise dos Estudos em Aquisi- ção da Linguagem*. Tese de Doutorado. Campinas: IEL, UNICAMP, 1994.
- FREUD, S. *Obras completas*. Madri: Editorial Biblioteca Nueva, 1948.
- MILNER, J. C. Lacan et la science moderne. Em *Lacan avec les philosophes*. Pa- ris: Albin Michel, 1991.
- MINAYO, M. C. S. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. São Paulo: Hucitec, 1994.
- SCHÜLER, D. *Heráclito e seu (dis)curso*. Porto Alegre: L&PM, 2000.